

UMA FENOMENOLOGIA DA EXISTÊNCIA EM GILBERTO FREYRE

Maria do Carmo Tavares de MIRANDA
(IBF/Academia Brasileira de Filosofia)

RESUMO

O artigo procura apresentar a tentativa de Gilberto Freire de interpretar e de compreender a realidade e de estudar o ethos do homem brasileiro e do homem que vive nos trópicos.

RÉSUMÉ

Il s'agit dans cet article de présenter l'effort de Gilberto Freire d'interpréter et de comprendre la réalité et d'étudier l'ethos de l'homme brésilien et de l'homme enraciné dans les tropiques.

Uma obra, a de Gilberto Freyre, de peso científico mostra a tentativa de descrever a realidade para interpretá-la, de interpretá-la para avaliar e de avaliar para compreendê-la. Apresenta-se, assim, o esquema epistemológico utilizado por Gilberto Freyre, esquema este que parte da empatia, estabelece análises e aproximações de conhecimentos como meios de abordagens do que é apreendido, biográfica e autobiograficamente, para encaminhar-se, finalmente, à identificação compreensiva. E se o tempo e o movimento fenomenológico lembram de imediato Edmundo Husserl, inclusive citado pelo sociólogo-antropólogo brasileiro, pode-se ver que com Gilberto Freyre dá-se, a rigor, uma inspeção de todas as variedades da experiência humana, éticas, políticas, estéticas, religiosas, cotidianas ..., como Hegel a compreendia, embora este filósofo não tenha se tornado, e nem o podia pela própria estrutura de seu pensar, modelo para a visão gilbertiana. Nem mesmo

Husserl o foi, a não ser esquematicamente e pela perspectiva dos inter-relacionamentos fenomenológicos com a psicologia e pelo que Husserl e Dilthey, em convergências, abrem-se a uma fenomenologia da vida e da consciência. Se a fenomenologia enquanto termo e movimento encontra em Husserl seu sistematizar, enquanto análise fenomenológica já está presente desde Platão a Aristóteles, a Kant passando por Descartes, assim como em Hegel, em Heidegger, em Sartre, em Merleau-Ponty.

Pretende-se interligar, aqui, pontos essenciais e complementares da obra de Gilberto Freyre que demonstram seu ânimo construtivo de pensar profundamente encarnado com a realidade, dando-se destaque às abordagens questionantes sobre o *ethos* do homem brasileiro e sobre o Homem Situado em áreas ou espaços tropicais. Sua primeira atitude era a da observação, descrição e análise de fatos que se apresentavam de diversos modos; tornavam-se *apar-entes*. Portanto, enquanto fenômenos eram, em seguida e ao mesmo tempo, interpretados, significados, redescobertos em sua intimidade e verdade.

Três ângulos de estudo se interpenetram nesta reflexão: o primeiro, o da própria composição de sua obra escrita de acordo com o ritmo indagativo do autor - ritmo de complementaridade, distribuída e desenvolvida dialeticamente entrelaçando-se, e este o segundo ângulo, com o relevo de temáticas dominantes, várias vezes repetidas, não só como notas de uma mesma partitura musical, mas insurgentemente persistentes em todo o percurso da obra, assim como, em tudo terceiro ângulo - há interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. À primeira vista ressalta seu próprio Seminário de Tropicologia estabelecendo inter-relacionamentos de visões teóricas e práticas e co-visões da vida vivenciadas segundo e experiências distintas, sejam as que foram ditadas por seu ânimo inquiridor e criador ao pelos momentos e condições oferecidas à reflexão, sejam as resultantes de um amadurecimento do espírito ou mesmo da idade. Em verdade, toda sua obra é esse inter-relacionar-se consciente, ouvindo, discernindo e discutindo o que ciências e artes apresentavam ao seu próprio pensar posto em questão.

Esse interrogar a existência segundo seus próprios os modos de apresentação - mostração apar-ente do que é - traduz um itinerário de captação do que se manifesta, deixa-se aparecer e, ao mesmo tempo, reclama compreensão da realidade, de um processo, de sua distribuição existencial.

Dá o fenomenológico: relação com a realidade no que ela concretamente apresenta e instauração, por uma crítica do aparecer, da própria presença, do que é real. As intuições categoriais que não são senão, como já dizia Aristóteles, afirmações substantivas ou adjetivas, verbais ou adverbiais de um sujeito, ou em um sujeito, servem, então, como ponto de partida em busca do sentido da realidade que não se esgota no que foi dado e, assim, inter-categoricamente, no caso em apreço, a partir da consideração do homem situado e de sua múltipla experiência procura-se compreender o Homem no(s) Trópico(s), e de modo particular, o Homem Brasileiro.

Interligando os três ângulos citados para um posicionamento englobante que diga a significação da obra de Gilberto Freyre e que destaque o seu caráter de desentranhar da realidade o que essencialmente configura ser o homem e sua condição humana, sua formação, seu devir e destinar-se, pode-se tentar estabelecer a trajetória analítico-crítica de Gilberto Freyre, através do seu ritmo de pensar captando o que aparece, reunindo e destacando formas e constantes, modos específicos do ser que co-significam compreensivamente o Homem Brasileiro. Isso, sem esquecer sua opção preferencial - à qual sempre fez questão de manter-se fiel e integrado, não diminuindo influências outras advindas de seus estudos (e que já vem merecendo apreciações anteriores, em diversos trabalhos, inclusive meus) - repita-se, opção preferencial a orientá-lo no pensar: a visão hispânica sobre o homem, com a qual, de modo pessoal e original, faz combinar seu ânimo humanístico-científico. Não deixa de ser sintomática, para a caracterização da própria obra em sua complexa riqueza, a convergência de influências hispânicas que atuarão, modelarmente, ora de forma mais nítida, expressivamente, ora mais ocultamente, dando-lhe um lastro de saber experiencial e existencial, como a analítica da personalidade feita pelos Exercícios Espirituais de

Inácio de Loyola, a inteligência con-sentida e imaginativa, que coloca o homem face a face consigo mesmo, e como a visão franciscana, voltada à singularidade, ao amor ao indivíduo na sua concretude que de Lúlio aos nominalistas, por ele citados, dizem a busca - por que não? - da *haecitas* escotista como forma individual na qual repousam os elementos constitutivos das coisas, tornada em Gilberto Freyre, forma coletiva. E essas convergências concorrem para a fenomenologia que serão exercida por Gilberto Freyre através de um tríplice escalonamento: o das empatias, o das autobiografias, o da compreensão da realidade humana e dos grupos sociais situados.

Fatos e valores, formas e constantes estão, sempre, postos em estudos com métodos de compreensão complementares aos de descrição e análise de situações de experiência, de ambiência, para "surpreender" - termo que caracteriza sua *intentio* voltada à captação do sentido e da presença do que é vivido e do que está em movimento - surpreender a vida..., ou as relações entre pessoas... ou o que seja o máximo sutil entre elas, para surpreender em diversas áreas e em diferentes tempos o caráter brasileiro, e constituem temáticas de toda a obra do sociólogo-antropólogo, ora acentuando um ou outro aspecto substantivo ou adjetivo, verbal, adverbial, mas sempre visando com sua interpretação *Homem Situado no Trópico*, procurando definir essa situação.

Anota-se, pois, uma convergência de correlações interdisciplinares que servem à interpretação do fenômeno humano, um essencial inter-relacionismo para captar o que no comportamento humano é "expressivo além de suas exterioridades" e que não é senão uma identificação compreensiva, "compreensão em profundidade do homem - de suas relações e de suas criações - relações e criações social, cultural e historicamente condicionadas e animadas de significados só compreensíveis em relação com tal condicionamento".^{2: 124-125} Por outro lado, transdisciplinaridade, também, que estabelecendo nexos entre conhecimentos atravessa os planos meramente cientificistas em busca de uma síntese de saber, na qual se contemplam os valores existenciais da convivência humana situada em tempos e espaços diversos sem exclusão da

universalidade humana aplicada a situações específicas, circunstâncias próprias, ecológicas e ambientais que dão relevo à dimensão humana, tentando explicitar o modo do existir no complexo de sua dramaticidade individual e histórica, de sua decisão pessoal e peso existencial, de sua significação. E cada conhecimento com sua profundidade específica, enquanto, também, marcado pelo autoconhecimento de limites, tanto finitos quanto indefinidos, traz em seu bojo a possibilidade de abrir-se a novas impulsões que tracem caminhos a uma verdade sobre o homem, articulando-se com outras co-visões científicas e sapienciais, incluindo as místicas e as práticas.

É a exigência de um conhecer mais íntimo e mais amplo que dê solidez à compreensão do homem, concreta e existencialmente, fundamental e essencialmente, em seu *ethos*, seu valor, sua finalidade. Em sua confluência e convergência de saberes e práticas há uma exigência de compreensão das diferentes formas de ver e dimensionar-se existencial da experiência do homem, que se dá revelando-se, ao mesmo tempo que muito de seu ser ainda fica oculto à espera de nova revelação.

A exemplaridade da obra de Gilberto Freyre diz esse seu empenho e rigor de cientista e essa sua exigência, confiante nas condições possibilitantes do conhecimento, de compreender o homem e seu comportamento, o homem e o seu meio, através de movimentos de captação intelectual, que se pode dizer, apresentam-se circulares e cônicos, diga-se, como em evoluções circulares delimitando áreas temáticas e que progridem verticalmente a um ponto central, razão ou fundo, sentido a todo tema. Esses movimentos procedem continuamente por intuições, percepções e reflexões e alcançam núcleos ou configurações, estruturas - *Gestalt* - com os quais, ele, escritor e pesquisador, abre-se à compreensão do homem e da sociedade e do que faz sua historicidade específica.

Pelos movimentos circulares são abordados e limitados, melhor delimitados em seu contorno os fenômenos, os temas para estudo, análises e prospecções; pelos movimentos cônicos dá-se o tratamento imtercategórico à temática, trazendo-a ao confronto

de saberes a fim de poder interiorizar, tanto quanto possível, seu fundamento, suas raízes, seu poder ser fenomênico, seu abrir-se mais profundo à busca do que essencialmente não só a configura mas a formaliza. Por isso mesmo a função simbolizadora ultrapassa o campo da semiótica abrindo-se além do que foi exteriorizado ao que mais íntimo e profundo se deixa trans-aparecer como primordialidade arquetípica que sustenta a verdadeira realidade. É dessa presença oculta que se faz trans-luzir através de - e, nisso, muito permanece em ocultação - que a obra fala pelas imagens e formas, pelos símbolos, os quais indicam realidades profundas, indizíveis objetivamente. Através dessa linguagem, a simbólica, é dado aproximar-se das possibilidades espirituais virtualmente presentes, apanhando, assim, num "momento significativo", seja do passado, seja do presente, tudo o que configura uma realidade: a de Homem Situado.

E o Trópico é, em Gilberto Freyre, e desde seus primeiros escritos, o mundo que o homem habita, qual seu corpo, qual sua casa, como o modo de estar, do "estar-sendo" do homem, dos fundamentos de seu ser, dizendo o que inerente à vida a qualifica, seu habitual modo de ser, posicionar-se, sua amplitude de relações e ações, infinidades de acolhimentos e sua consistência.

Assim, concomitantemente, a situação, o "estar em situação" é, como atitude de comportamento do homem, seu modo de posicionamento, sua forma de presença e seus múltiplos inter-relacionamentos consigo mesmo e com os outros. Como condicionamento da existência, em sua complexidade, reclama-se de outras afirmações categóricas que, interligando-se, dêem conta tanto do pensar que capta os diversos modos de ser, quanto da expressão ou linguagem que as enuncia, quanto do próprio "ser que se dá de múltiplos modos", segundo já afirmava Aristóteles. Conjugam-se, portanto, com a situação - como em trabalhos anteriores já foi visto - tanto a quantidade e o em que consiste seu fundamento, quanto a qualidade, avaliando-a, tanto o lugar como o ter nessa situação ou o habitual modo de ser ou manter-se, encontrar-se, e indicam, também, um estado do homem. Além, portanto, de estar localizando e, também, em tal situação, com a

possibilidade ou capacidade de agir ou de utilizar, ou de estar exposto à recepção de algo, como também o ter sentido e orientação afirma-se uma relação e se fala do que advém com tempo, conformando, portanto, cada uma a seu modo e a realidade no que ela é. Essas manifestações do ser dizem fenômenos. Estabelecer entre eles ou entre alguns deles um inter-relacionamento, interrogá-los no que apresentam e afirmam é exercitar-se fenomenologicamente à busca da compreensão da existência - a do homem, a do grupo social. "São os modos de viver ... que não podem ter deixado de afetar os modos de pensar", indicando "a interdependência entre o pensar e o viver de um indivíduo ou de uma comunidade", como diz Gilberto Freyre. 5:424,475

Experienciando memória e antecipação, Gilberto Freyre captou a fluidez da vida vivida do Homem Situado no Trópico e, particularmente, do Homem Brasileiro, reconstituindo-a, temporalizando-a através de distinções, diversidades e identificação de épocas, de gerações, de formas de convivência, de estilos de vida, a partir de uma reinterpretação desse viver em situação e em espaço-temporalidade, a da Casa, Corpo, Mundo brasileiro com a constante de seu tempo trípico, analisadas por uma Sociologia Genética e História Social, por uma Sociologia Ecológica e pela Tropicologia, por uma Sociologia Psicológica e pela Mística. E tudo no embasamento de uma Teoria Social e na formulação de suas Engenharias - a Física, a Social e a Humana - que dizem sua visão científico-social não discordante com os princípios filosófico-sociais, a do engenhar como o saber tecer esperas e esperança.

E, sempre, procurou conseguir um conjunto de imagens e formas que cor-respondesse ao essencial da experiência interior de um grupo humano - o situado em áreas tropicais e no Brasil - com suas múltiplas diferenças e sua unidade, para captar momentos significativos da vida íntima de uma gente, entre seus vários passados revivenciados num presente e, dinamicamente, tendidos a possíveis futuros.

Em tudo está presente o complexo Casa indicando o Habitar Humano no Trópico, o qual toda sua obra é uma contínua explicitação analítico-crítica tecida de memórias e antecipações. E

nesse continuum da obra, como foi afirmado em *Compreensividade e Situacionismo em Gilberto Freyre*, (*Ciência & Trópico*, vol. 18 nº 1, Jan/Jun 1990), é que *Sociologia*, seu livro de 1945, diz a necessidade de captar o homem concreto, vivido, com seu corpo e situado num espaço-tempo que fundamente a compreensão humanística de valores, objetivo de Gilberto Freyre, e o seu situacionismo, assim como aí, também, se define a constituição de seu saber em experiência e razão de sua consciência tropicológica, integrada com o todo do homem e circunstâncias que o rodeiam, ao mesmo tempo que é atenta aos estilos de sua vida e aos contornos de sua existência. É seu saber engenhar estabelecendo um estatuto tropicológico, buscando a sistematização da Tropicologia, que desde seus escritos de 1918 já vinha sendo experienciada.

É a Casa brasileira como modalidade existencial do homem que se manifesta, habitualmente, dispondo o espaço interior da habitação em amparo e recolhimento, em cuidados e potencialidades, distribuindo sua casa como seu universo e habitando-a como seu corpo, alongando-a pelos vários espaços e tempos, em múltiplas formas de ação e recepção pelas visões teórico-científicas e atitudes práticas, às quais não faltaram nem o exercício político, nem o religioso, nem o artístico, nem a fluência e confluência de saberes e práticas, edificações de obras, institucionalizando-as.

O ter lembranças, o reviver o passado é o memorar que com o antecipar dizem por um lado o poder criativo de mergulhar até as raízes de um povo pela e com a "memória da experiência", a memória ancestral" para poder expandir-se numa imaginação criadora, científica e poética, pressentindo antecipações com as quais o experienciar esperas torna-se esperança. E tudo é visto dinamicamente inter-relacionado, captado em transformações e em constâncias. Não em puras descrições ou análises rígidas e estreitas, mas em "estudo de valores e de símbolos" através do estudo sociológico de "formas e processos", visando não só conhecer mas compreender o *ethos* do homem brasileiro, seu modo de ser. Um "estudo do homem... com critério não só experiencial

como existencial" ... e do que nele é "menos resultado da sua herança, ou do seu físico, que das suas situações de experiência, de existência e de ambiência". ^{4:XLV}

Uma fenomenologia da existência à base, portanto, de uma "consciência de situação". ^{6:658} O seu empenho: abarcar a variedade de manifestações em seus múltiplos aspectos regionais, ecológicos, circunstanciais. Sua atenção e cuidado: os indivíduos em sua singularidade pessoal, a vida em movimento, com seus contrastes, paradoxos, pormenores. Tudo isso diz o seu situacionismo, o sentido barroco da vida e da cultura com suas peculiaridades dionisiacamente expostas, aguardando uma interpretação plástica e poética.

É o situacionismo captando a existência fenomenologicamente por inter-relações, as humanas, a do homem com o ambiente, a do homem e as expressões culturais, as do homem, pessoa encarnada, com outros eus, também, pessoas em inter-comunicações. "Situacionismo de "estar-em" (que) implica em situação não só formal como empática... da qual não se pode separar "a consciência de espécie" do situado que às vezes se torna consciência de "ser" e não apenas de "estar-em": em ambos os casos com repercussões sociais da situação empática não só sobre o situado como sobre aquela entre os quais ele se situa". ^{6:240} É o sentido barroco da vida atingindo os próprios movimentos vitais - físicos, sociais, culturais.

Com a situação dá-se, na obra de Gilberto Freyre, o entrecruzamento com outras categorias:

Primeiro, a de lugar ou espaço (físico e social), como por exemplo, a região, a nação, a área, como limites existenciais indicando a realidade e condições equivalentes a uma necessidade. Assim, "somos, os brasileiros, uma gente hispânica sendo também uma gente situada no trópico e localizada na América: duas outras dimensões de espaço-tempo que nos condicionam, além da cultura, o ethos". ^{1:18}

Segundo, o ter uma situação e o mundo de hábitos que dizem um modo de ser implicando em poder usar e fruir, envolvências habituais, instrumentalidade. Daí o *habitat*; a Casa, o Corpo que

tanto exprimem especialidade ou relação à especialidade quanto hábitos e costumes, formas de coexistência, e dizem o estar, também, o homem disposição ou aptidão. Pela Casa e pelo Corpo o homem habita o mundo, cria seu próprio mundo ... o ambiente cultural brasileiro. E não se pode esquecer que a Casa é símbolo, é forma densa, indica um complexo de substantividade, de adjetivações, de modos verbais e adverbiais de ser. O estar em casa deixa transparecer o estar distendido em seu ser, "exprimindo vivências mais de que abjetividade",^{2:20} porque Casa, tanto como "os binômios casa-grande-senzala e sobrado e mucambo foram, no Brasil, complexos transregionais, e não apenas regionais, que dominaram, como complexos transregionais, espaços sociais transbordantes de quantos espaços físicos se têm inventado para contê-los".^{5:LXXXIII}

Simultaneamente, apresenta-se a temporalização da história compreendida como o sempre fazer-se geneticamente, criativamente, e não em mero relato ou crônica de feitos. É o tempo a dizer o que está-sendo e a duração, o vivido e o "de sempre". Tempo e além-tempo, tempo que flui e tempo das ultimidades. São as várias considerações sobre o homem e a categoria tempo e novas situações; sobre o homem e o tempo e relações espaciais; sobre as épocas e o tempo, e gerações e tempo. São os estudos que dizem o homem do estar-sendo imerso no tempo que num instante - este - está fluindo mas, também, projetando-se sobre o futuro, antecipando-o. São as considerações sobre o homem do tempo trípico, tempo da interpenetração de passados, presentes, futuros, portanto três tempos num só; tempo social e psíquico a dizer a formação do homem hispânico e brasileiro, e sua própria identificação com o tempo que o faz "amanhecer" alegre ou triste. É o tempo-vida, tempo das festas, ritmos e ritos sazonais. Tempo biocósmico e tempo litúrgico da renovação da vida, qualificando-a, recriando-a. Nesse tempo trípico, a visão do próprio presente é como a da atenção entre passados e futuros, pois o tempo como extensão do espírito - *distentio animi* -, a modo agostiniano de memória, intuição, expectativa é como experiência e complexidade existencial - física, psicológica, cultural - a capacidade de esperar, de tecer paciência aguardando o "dia seguinte" ou um "amanhã"

de que fala Gilberto Freyre tanto no "On the Iberian concept of time" quanto em **Além do apenas moderno e O brasileiro entre os outros hispanos.**

Também, tempo de trabalho e tempo de lazer, modos de intercomunicações de ações - ações transitivas sejam individuais ou coletivas, com a dos trabalhos manuais ou agrários, sejam as ações imanentes de conveniência pessoal e existencial, como o lazer que não é senão a liberdade, o lúdico do trabalho, e os próprios atos de conhecimento como ações qualitativas - de doações e de recepções que dizem o existente em devir - sempre em passagem - combinado-se alternadamente em estimativas de valor, configurações de uma realidade material e que estabelece diferenciações qualitativas - tais como as honorárias e títulos, as funções públicas - ao próprio movimento da vida do existente em seu quantum físico e social, seu poder ser visto em detalhes. Inscrevem-se, aqui, as análises sobre a vida íntima do brasileiro e de seu grupo social, as quais captam inter-relacionalmente as formas de convivência, como as da casa com seu mundo de relações entre senhores e escravos, entre o homem e a mulher, entre pais e filhos, entre gerações em épocas diversas, como as da rua e as relações entre as classes sociais, entre poderes públicos, familiares e eclesiásticos, entre governo e súditos, entre colonizador e colonizados através de confraternizações ou amalgamento de raças e culturas, entre relações internacionais do Brasil e de Portugal, entre as influências estrangeiras e os estilos de vida do brasileiro, entre os povos hispânicos.

Esse itinerário fenomenológico de Gilberto Freyre, feito através de relacionamento inter-categórico, indica a captação de imagens e formas que dizem o essencial da experiência de vida do Homem Brasileiro, seu próprio existir, sua verdade, e reclama um, também, saber ver conscientemente situacional que considere o que seja o Habitar Humano no Trópico. É, portanto, uma fenomenologia da compreensão da convivência do homem e de sua condição humana em situação, uma consciência de situações em complementaridade afetiva e efetiva a dizer a existência humana em todas as suas modalidades do aparecer, elevando-as à compreensão do homem brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FREYRE, Gilberto. **Além do Apenas Moderno**. Sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do brasileiro, em particular, Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. XXX + 266 p.
2. FREYRE, Gilberto. **O Brasileiro entre os outros hispanos**. Afinidades, contrastes e possíveis futuras nas suas inter-relações, Rio de Janeiro, José Olympio, 1975. LVI + 161 p.
3. FREYRE, Gilberto. "On the Iberian concept of time". In: **The American Scholar**, 32(3): 415-430, Summer, 1963. (Separata).
4. FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Processo de Desintegração das Sociedades Patriarcal e Semipatriarcal no Brasil sob o Regime de Trabalho Livre: Aspectos de um Quase Meio Século de Transição do Trabalho Escravo para o Trabalho Livre; e da Monarquia para a República, 2v. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. I-CLXIX, 794 p. il.
5. FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano, 2v. 7ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio/Instituto Nacional do Livro/Pró-Memória, 1985. I-CXIII, 758 p.il.
6. FREYRE, Gilberto. **Sociologia**. Introdução ao estudo dos seus princípios. Prefácio de Anísio Teixeira, 2v. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. 742 p.